

É A HOMOSSEXUALIDADE ETERNA? UMA GENEALOGIA A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT E DAVID HALPERIN

Mariana Fujikawa¹

Resumo

Pode-se pensar que certos aspectos na História estiveram sempre presentes em nossa sociedade, que são naturais e, até mesmo, imutáveis. Porém, há autores que visam entender como esses aspectos vistos como eternos são, em realidade, construídos. Acreditamos, nesse sentido, que a homossexualidade e a heterossexualidade nem sempre estiveram presentes. Dessa forma, nesse artigo, resultado de uma disciplina da pós-graduação ministrada pela Professora xxxxxx, visamos analisar como Michel Foucault e David Halperin abordaram a genealogia da homossexualidade, e, com isso, desejamos entender se ela é natural, ou construída historicamente. Apresentamos questões por eles abordadas, como a sexualidade na antiguidade, no século XIX e modos de vida gay na época vivida pelo filósofo francês.

Palavras-chave: Homossexualidade. Michel Foucault. David Halperin.

Recebido em 20 de setembro de 2019 e aprovado para publicação em 22 de abril de 2020

Introdução

¹ Mestranda em História na Universidade Federal do Paraná (UFP) e bolsista CNPq. Correio eletrônico: mari.fujikawa97@gmail.com.

A homossexualidade por vezes é tratada como algo anormal, e que essa anormalidade sempre esteve presente, impedindo o funcionamento visto como “natural” das coisas. O sexo entre homens e mulheres sempre existiu, pode-se acreditar, e por isso a heterossexualidade sempre existiu, sendo ela pertencente a algo fora da História. A mesma lógica, então, se aplicaria à homossexualidade. Conforme comenta Jeffrey Weeks, a corrente do “essencialismo” reforça essa ideia: afirma que há uma verdade e uma essência interior, sendo ela imutável e permanente².

Porém, ainda que o sexo entre homens possa sempre ter existido, nem sempre a maneira que a sexualidade era entendida era a mesma. Há abordagens que questionam os discursos, perguntando se há algo fora da construção discursiva, fora da história³. Michel Foucault, nesse sentido, busca realizar uma genealogia da sexualidade, e ver se podemos aplicar essa maneira atual de vê-la em todos os tempos históricos. Assim, nesse artigo visaremos abordar essa genealogia, traçando como se dava o prazer e a sexualidade no decorrer da história a partir dos textos “Erótica”, presente na História da Sexualidade II, “Os Rapazes”, da História da Sexualidade III – ambos de Foucault, “One hundred Years of Homosexuality”, de David Halperin, e as entrevistas “A amizade como modo de vida” e “sexo, poder e a política da identidade”, de Foucault.

A erótica grega

Foucault, na História da Sexualidade I⁴, comenta que o sexo, o ato sexual, passou a ser pensado como algo que teria significado. Ressalta que começou-se a se afirmar, no século XIX, que o sexo deixou de ser algo apenas relacionado ao prazer, mas que faria parte de um jogo de poder, de prazer e saber. O Ocidente, assim, apresenta uma “incessante demanda de verdade”⁵ sobre o sexo. Dessa forma, o sexo passa a ser anexado a um campo de racionalidade. Surge, então, a ideia de sexualidade, que seria responsável por dizer quem somos nós. Enquanto o ato sexual em si sempre existiu, a ideia de verdade que seria anexada a esse ato, ou seja, a sexualidade, é construída somente no oitocentismo.

Ainda que nesse primeiro livro o filósofo francês tratava da modernidade, no segundo volume do livro realiza um deslocamento, trabalhando com a antiguidade. Esta como ponto de comparação, como um distanciamento do presente para questionar a

² WEEKS, J. Corpo e Sexualidade. /n: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

³ Indo de acordo com Weeks, entendemos que a ideia de construção social é referente a ideia de que os aspectos referentes ao corpo e a sexualidade devem ser considerados a partir de seu contexto histórico específico, entendendo que essas condições variam.

⁴ FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

⁵ Ibidem, p. 86.

naturalização dos discursos, a naturalização da questão da sexualidade. Assim, o pensador francês recua ao passado, em um momento em que a sexualidade não era vista como a verdade do indivíduo. Dessa forma, distancia-se do pensamento que toma a sexualidade como algo invariante e ahistórico. É importante ressaltarmos, também, que apesar desse recuo, não é o objetivo de Foucault afirmar que na antiguidade a sexualidade era liberada totalmente enquanto que na atualidade era reprimida. Pelo contrário, não é o grau de repressão o seu foco, e sim as práticas de si, as maneiras com as quais os indivíduos se relacionavam em relação a sexualidade.

Nesse sentido, Foucault inicia o texto “Erótica” do livro *História da Sexualidade II: os Usos dos Prazeres*⁶ comentando que a relação dos homens mais velhos com os rapazes era um tema de debate e cuidados para o pensamento grego. Isso, comenta o filósofo, poderia parecer algo paradoxal considerando que a sociedade grega era vista como “tolerante” ao que chamamos na atualidade como “homossexualidade”. Porém, ele logo resalta que seria inadequado utilizar o termo ‘homossexualidade’ aos gregos, pois “os gregos não opunham, como duas escolhas diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto”⁷. Assim, não era a escolha do sexo com quem você dormia que te definia como indivíduo. Afirma também que as noções contemporâneas de “tolerância” ou “intolerância” não podem ser aplicadas a antiguidade clássica, pois amar os rapazes era uma prática permitida pela lei e pela opinião. Avançando nesse sentido, o filósofo francês comenta que era com a oposição entre um homem temperante e aquele que se entregava aos prazeres que se formava a prática de si. Um homem que não tivesse controle e se entregasse aos prazeres tanto com homens ou mulheres era visto como desequilibrado, afeminado. Ao observar então que os homens faziam sexo ou com homens ou mulheres Foucault afirma que se poderia pensar que eles eram bissexuais. Porém, logo o filósofo desconstrói essa possibilidade, pois afirma que isso não era reconhecido, na Grécia antiga, como “duas espécies de ‘desejos’, duas ‘pulsões’ diferentes ou concorrentes”⁸. Ainda assim, havia outras condutas. Os jovens demasiado fáceis e interessados eram zombados de forma frequente pelos autores cômicos. Havia uma preocupação também com o papel do ativo e do passivo, dentre outras especificidades.

Apesar de que o amor de um homem mais velho pelos rapazes fosse aceito, Foucault afirma que este possuía uma estilística própria. Para o autor é insuficiente ver na antiguidade a tradução de uma prática livre que podia se expressar de forma natural.

⁶ FOUCAULT, M. *Erótica*. In: FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

⁷ Ibidem, p. 231.

⁸ Ibidem, p. 233.

Pelo contrário, o filósofo ressalta que, apesar de não ser proibido, era uma relação que possuía preocupações morais e teóricas. Nesse sentido, o autor comenta que as reflexões filosóficas sobre o amor masculino não englobam todos os campos possíveis, sendo que focam principalmente na relação entre um homem mais velho e um rapaz. Essa relação implica em uma diferença de idade e também de status⁹. Ainda assim, como comentamos, esse não é o único modo de relações entre homens. O pensador comenta que o amor entre rapazes era aprovado, sendo que o amor entre homens mais velhos, por sua vez, era visto como negativo, devido a passividade de um dos parceiros. Ainda assim, não era algo proibido, nem foco de uma grande atenção moral.

A partir disso, ele comenta que irá trabalhar com os dois textos de mesmo nome - *Banquete* - um de Platão e outro de Xenofonte e com o *Eróticos*, do pseudo-Demóstenes. Assim, o filósofo traça as práticas que envolviam essa relação: comenta que é um jogo em que, apesar de que o rapaz é o passivo na relação, ele ainda assim é quem escolhe, e o jogo é aberto. Além disso, Foucault comenta que os gregos valorizavam o corpo masculino crescido, mas que o corpo do jovem era muito valorizado. Ressalta, porém, que “nos enganaríamos se acreditássemos que esses traços eram valorizados por causa de sua ligação com a beleza feminina”¹⁰. Pelo contrário, eles valorizavam-nos devido ao que eles viriam a se tornar: o vigor e a resistência masculina futuros. Nessa relação da erótica, é também necessário um controle do homem e de seu amante, uma “dupla moderação”¹¹. Moderação importante para manter a honra do rapaz. Não a honra em relação ao matrimônio, mas em relação ao status, à posição que o rapaz vai ocupar na cidade futuramente. Os homens davam diversos presentes aos rapazes, mas, para manter a honra, o rapaz não podia conduzir-se passivamente pelo homem, ser aquele cede tudo para aquele que mais oferece. É necessário, assim, que o jovem exerça o domínio de si¹². Foucault ressalta, por fim, que:

O que é preciso apreender aqui não é por que os gregos tinham um gosto pelos rapazes, mas sim por que eles tinham uma ‘pederastia’: isto é, por que, em torno desse gosto, eles elaboraram uma prática de corte, uma reflexão moral e, como veremos, um ascetismo filosófico.¹³

O que era honroso era ser o ativo, e daí as diversas consequências e cuidados a respeito daqueles que eram os passivos da atividade. A passividade dos escravos e das

⁹ Ibidem, p. 239.

¹⁰ Ibidem, p. 247.

¹¹ Ibidem, p. 250.

¹² Ibidem, p. 260.

¹³ Ibidem, p. 262.

mulheres eram marcas da inferioridade, de sua condição¹⁴. Agora, a passividade dos rapazes era algo complexo, pois afinal ele se tornaria cidadão no futuro, devendo deixar a passividade e tornar-se ativo. Assim, Foucault denomina isso de “antinomia do rapaz”,¹⁵ pois ao mesmo tempo em que ele é o objeto de prazer, ele não pode aceitar – nessa relação – assumir-se totalmente como objeto, identificar-se com essa passividade. Reticência existia, dessa forma, para admitir que o rapaz pudesse sentir prazer. “Entre o homem e o rapaz não há – não pode e não deve haver – comunidade de prazer”¹⁶. Os mais condenados são os rapazes que demonstram prazer. Ainda assim, nessa arte da Erótica, o rapaz não pode ser frio, pelo contrário, deve portar-se como uma pessoa que responde, mas sem “o compartilhar de uma sensação”¹⁷. Dessa forma, Foucault conclui que o ato sexual entre homens e rapazes é composto de um jogo de recusas, fugas e de adiar o ato, mas são também trocas¹⁸.

Assim, podemos entender que a relação de homossexualidade não existia na Grécia, o que não significava que os atos sexuais não possuíssem condutas e cuidados específicos. As condutas de prazer e das relações não são a-históricas, mas são construídas e transformadas com o passar dos tempos.

Os rapazes romanos

Em *História da Sexualidade III*,¹⁹ Foucault comenta sobre como – em Roma – a reflexão sobre o amor pelos rapazes perdeu grande parte do foco que havia anteriormente. Ressalta que isso não quer dizer que a prática desapareceu, mas afirma que o que mudou foi “o modo pelo qual se interroga sobre ele”²⁰. Roma não debruçou-se sobre o amor pelos rapazes da mesma forma que os gregos, sendo que houve uma diminuição da importância das relações entre homens e uma valorização do vínculo afetivo entre esposos. Considerando a diminuição dos escritos sobre as relações entre homens, Foucault ressalta que houve três textos importantes sobre essa temática: o diálogo de Plutarco sobre o amor, outro atribuído a Luciano e quatro dissertações de Máximo de Tiro, mas o pensador francês opta por não trabalhar com o terceiro.

Ressalta que apesar da ausência, o amor aos rapazes ainda não era condenado, mas deixa de ser foco como havia sido na Grécia. No diálogo de Plutarco, pode-se pensar

¹⁴ *Ibidem*, p. 264.

¹⁵ *Ibidem*, p. 270.

¹⁶ *Ibidem*, p. 273.

¹⁷ *Ibidem*, p. 274.

¹⁸ *Ibidem*, p. 275.

¹⁹ FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

²⁰ FOUCAULT, M. Os rapazes. *In*: FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. p. 237.

que a questão seria a da preferência ou pelos rapazes ou pelas mulheres. Foucault afirma, porém, que o debate se dá, em realidade, entre ou os rapazes ou o casamento. Comenta que em Plutarco percebe-se uma lógica da Erótica que seja unitária, organizada “sobre o modelo da reação homem-mulher e mesmo marido-mulher”²¹. Solidificação, assim, da ideia de um amor único. Ainda que houvesse a defesa que a amizade entre os pederastas era somente dos amores aos rapazes, Plutarco defende que essa relação pode existir na conjugalidade²², e assim Foucault ressalta que “Plutarco transpõe para a dualidade conjugal os traços que tinham sido por muito tempo reservados à *philia* dos amantes do mesmo sexo”²³. Essa relação não era afirmada, em Plutarco, em todas as formas de amor, restringindo-se ao vínculo conjugal. Ele, Plutarco, comenta que o casamento abre a possibilidade da realização perfeita do amor, algo que não poderia tomar forma completa na relação com os rapazes²⁴. Assim, não proíbe o amor aos rapazes, mas afirma que este é imperfeito em comparação com o dos esposos. Além disso, o amor pelos rapazes é *acharistos* na visão de Plutarco. *Charis*, define Foucault, é o consentimento que a mulher dá ao homem, consentimento que não seria possível no amor aos rapazes. Consentimento que – na relação entre os esposos – gera um prazer físico na medida em que exclui a ordem da violência, estando na reciprocidade²⁵. Dessa forma, é “na dupla atividade de amar, presente nos dois cônjuges, que constitui o elemento essencial”²⁶.

Percebemos, então, nos diálogos de Plutarco, uma transformação na Erótica, uma mudança nas práticas de si em comparação com a Grécia. *Os amores*, de Luciano, por sua vez, comenta Foucault, é um texto mais tardio. Nesse texto, o francês comenta que o amor pelos rapazes é considerado como algo que perturba a ordem do mundo, causa condutas de violência e é nefasto aos objetivos da humanidade. “Cosmológica, ‘política’, e moralmente, esse tipo de relações transgrede a natureza”²⁷. Outro aspecto é que nesse texto Carácles, um dos debatedores no texto de Luciano, comenta que o rapaz só é agradável momentaneamente, pois logo seu corpo se torna musculoso e peludo, enquanto que o corpo da mulher sempre permanece como objeto de desejo²⁸. Novamente nesse texto a questão da reciprocidade faz com que se valorize mais a relação entre homens e mulheres do que o amor pelos rapazes.

²¹ Ibidem, p. 248.

²² Ibidem, p. 255.

²³ Ibidem, p. 256.

²⁴ Idem.

²⁵ Ibidem, p. 259.

²⁶ Ibidem, p. 261.

²⁷ Ibidem, p. 269.

²⁸ Ibidem, p. 273.

Em Roma, o amor pelos rapazes não é mais o foco do cuidado das condutas. “Ela se desenvolve a propósito da relação entre homem e mulher e se expressa nessas narrativas romanescas”²⁹. Houve, então, uma transformação na Erótica. O foco começa a se dar sobre a relação entre rapaz e menina. Relação esta em que a virgindade começa a ser valorizada e não como somente como abstenção, mas como escolha, forma elevada que o herói escolhe, no cuidado consigo mesmo. Assim, Foucault conclui que: “amor, virgindade e casamento formam um conjunto: os dois amantes tem de preservar a integridade física, como também a pureza de coração”³⁰. A Erótica passa a se organizar, então, a partir da relação recíproca entre o homem e a mulher, ao valor à virgindade e da união total alcançada pelo casamento³¹.

Percebemos, dessa forma, uma transformação na sexualidade, nas condutas das pessoas em relação a maneira de se pensar em relação ao sexo. Enquanto na Grécia o foco das relações era na questão da afetividade entre homens, na Roma isso deixa de ser considerado como a principal preocupação sobre o sexo. Ademais, enquanto o foco grego era na questão do controle, da moderação, com Roma o realce era para a questão do casamento.

Nesse sentido, entendemos que a sexualidade não é ahistórica, nem é pensada da mesma maneira por toda a história. Pelo contrário, o foco que é dado a sexualidade mudou entre os gregos e romanos, como apontado por Foucault. A preocupação sobre a relação sexual entre o mesmo sexo – algo de muito valor e de muito cuidado na Grécia – perde espaço em Roma. O retorno desse foco na relação entre homens só acontecerá veementemente muitos séculos depois.

O retorno da preocupação sobre a relação entre dois homens: a criação da homossexualidade

David Halperin afirma no texto “One Hundred Years of Homosexuality”,³² que em 1892 Chaddock - ou acredita-se que foi esse autor - incluiu no dicionário de Oxford a palavra homossexualidade. Desde então, comenta, o termo nos acompanha³³. A sexualidade identitária começou, então, no século XIX, a se polarizar sobre a oposição do sexo entre pessoas de sexualidades iguais ou diferentes³⁴. Comenta o autor, também, que apesar de que o termo homossexualidade aparenta ser objetivo, algo da ordem da

²⁹ Ibidem, p. 284.

³⁰ Ibidem, p. 288.

³¹ Ibidem, p. 289.

³² HALPERIN, D. One hundred years of homosexuality. **Diacritics**, v. 16, n. 2, (Summer, 1986). p. 34-45.

³³ Ibidem, p. 34.

³⁴ Ibidem, p. 35.

taxonomia, ele carrega ideologia. Uma bagagem ideológica que fez, inclusive, com que fosse difícil compreender as particularidades da sexualidade no mundo antigo³⁵. Assim, percebemos que Foucault visa superar essas dificuldades ao apresentar as particularidades do cuidado sobre a sexualidade em Grécia e Roma, afirmando que não poderíamos considerar a homossexualidade como existente nesses períodos. Halperin sustenta, nesse mesmo sentido, que foi somente no período oitocentista que de fato houve a criação da homossexualidade, período quando a sexualidade passou a tornar-se central para as identidades.

O termo homossexualidade teve - afirma Halperin - que esperar a construção científica da sexualidade para se firmar. Anteriormente, os atos sexuais das pessoas podiam ser categorizados e analisados, mas foi somente no século XIX que começou a fazer-se uma relação entre a identidade da pessoa ser fixada e determinada a partir da orientação sexual³⁶. Ao citar Foucault, comenta que seria interessante determinar quando a questão do sexo começou a se tornar mais importante que a alimentação; questão que Foucault afirma que foi provavelmente no século XVIII, após um longo período de equilíbrio relativo durante a Idade Média³⁷. Ressalta, então, que com a mudança de foco desse equilíbrio, a sexualidade começa a ser mais debatida, analisada, categorizada. Nesse sentido, a ciência foi essencial para constituir essa nova categoria da homossexualidade. Essencial para construir isso não somente como uma forma de taxonomia, de categorização, mas como afirmamos, como uma ideologia que seria essencial para que se considerasse essa taxonomia como o centro das identidades, como a única possibilidade de descoberta sobre a verdade de si.

Sobre a análise da homossexualidade, Halperin também comenta que “instead of attempting to trace the history of ‘homosexuality’ as if it were a thing, therefore, we might more profitably analyze how the significance of same-gender sexual contacts has been constructed over time by members of various human living-groups”³⁸. Dessa forma, comenta que o que os historiadores deveriam fazer e entender é que nem sempre a sexualidade foi o centro da interpretação da identidade. Assim, conclui que se há uma maneira de nos libertarmos da tirania das nossas categorias sexuais da atualidade, e a partir do esforço de entender que elas são instâncias construídas historicamente³⁹.

³⁵ Ibidem, p. 36.

³⁶ Idem.

³⁷ Ibidem, p. 37.

³⁸ Em vez de tentar traçar a história da “homossexualidade”, como isso fosse algo real, nós devíamos, então, analisar – algo que seria mais rentável – como a significância do sexo entre pessoas do mesmo gênero foi construída com o passar dos anos por membros de vários grupos de vivência humana. HALPERIN, 1986, tradução nossa, p. 38-39.

³⁹ Ibidem, p. 45.

Ao entendermos essa construção, podemos apontar e tentar nos deslocarmos para outras maneiras de vermos – em nossa atualidade – a nossa relação com a sexualidade, com os corpos, com nossos modos de vida.

Da amizade e dos diferentes modos de vida

Halperin aponta, então, sobre a importância de entendermos os conceitos e as maneiras de vermos a sexualidade como contingentes, construídas. Nesse mesmo sentido, Foucault afirma que é preciso – na atualidade – desconfiar das perguntas sobre a homossexualidade tais quais: “quem sou eu?” ou “qual o segredo do meu desejo?”⁴⁰. Foucault aponta que não se deveria preocupar com a verdade sobre seu sexo, e sim usar a sexualidade para uma multiplicidade de relações. Ressalta que o problema da homossexualidade é também o problema da amizade, ou seja, a “soma das coisas por meio das quais um e outro podem se dar prazer”⁴¹.

O autor apresenta, então, formas de vida que podem existir agora que temos a homossexualidade como algo com o que lidar. Afirma que devemos nos transformar como muito mais suscetíveis a prazeres, escapando assim das fórmulas identitárias fixas e presas. Dessa forma, ressalta que atualmente ser gay não deveria ser se identificar com “máscaras visíveis do homossexual”,⁴² sim buscar criar um novo modo de vida gay, um “tornar-se gay”⁴³.

Afirma que em realidade o movimento homossexual precisa menos de uma ciência que os defenda, e mais de uma nova arte de viver⁴⁴. Comenta que além de defender os gays, os movimentos devem se preocupar também com uma afirmação. Não a afirmação de uma identidade, mas sim de forças criativas, de novas relações, amizades e formas de vida⁴⁵. A identidade, pensa Foucault, é algo que limita, e que precisamos e devemos ir além, tendo o direito de sermos livres⁴⁶. Além disso, uma das grandes preocupações do filósofo é – como comentamos – em relação a amizade. Para ele, as instituições não conseguem funcionar diante de amizades intensas,⁴⁷ e uma de suas hipóteses é a de que somente a partir do século XIX a homossexualidade se torna um problema, e que isso ocorre devido ao fato de que a amizade desapareceu. Com o fim dessas relações de amizade, Foucault afirma que começam a indagar o que dois homens fazem juntos, e foi

⁴⁰ FOUCAULT, M. Da amizade como modo de vida. **Gai Pied**, n. 25, p. 38, abr. 1981.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

⁴³ FOUCAULT, M. uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *Verve*, 5, 2004. p. 261.

⁴⁴ Ibidem, p. 260.

⁴⁵ Ibidem, p. 261.

⁴⁶ Ibidem, p. 266.

⁴⁷ Ibidem, p. 273.

ai que o problema apareceu, foi ai que a preocupação sobre dois homens juntos começou a se formar, pois qual seria então o intuito de dois homens permanecerem juntos sendo que não é a relação de amizade a que importa?⁴⁸ Problema que apareceu, e com isso engendrou relações de poder, mas, como afirma o próprio pensador, não há relação de poder sem resistência, e vice-versa⁴⁹. Resistência, ressalta, sendo a palavra chave dessa dinâmica. Por fim, Foucault ressalta que é necessário preservar as mudanças causadas pelos movimentos sociais dos anos de 1960 e 70, e que não são as velhas instituições tradicionais como as identidades que permitirão as mudanças, e sim pensarmos em alternativas de criação, de novos modos de vida, de amizade, e novos modos de ser.

Considerações finais

Neste breve trabalho, tentamos construir a trajetória empreendida por Foucault e Halperin sobre as relações sexuais. Entendemos, dessa forma que, apesar de que há uma afirmação da atualidade de que a homossexualidade sempre existiu, ela é uma construção histórica, datada, e não natural ou eterna.

Na Grécia o modo de Erótica era diferente, e a relação com os rapazes não era vista de forma identitária, ainda que possuísse - por sua vez - diversos cuidados e especificidades sobre o funcionamento desta relação. A ideia da passividade no sexo importava devido a ideia de uma possível passividade em relação a vida pública, ao mundo político. Havia, então, uma preocupação da relação com o sexo, pois este estava intrinsecamente relacionado com a política. A mesma relação ocorre em relação ao descontrole. Como afirmamos, um homem descontrolado, e que fazia se entregava aos prazeres de forma exagerada com homens ou com mulheres era visto de forma negativa, pois, se não sabia se controlar em sua sexualidade, seria também um descontrolado em relação a política. Seria um possível tirano, levado por seus impulsos e desejos.

Em Roma, por sua vez, a preocupação com o amor pelos rapazes diminui, e as relações entre homens e mulheres começam a se tornar mais centrais. O papel do casamento é mais valorizado, e ideia da reciprocidade passa a se tornar cada vez mais o foco da estilística.

A relação sexual entre homens e a construção de uma identidade fixa sobre essa sexualidade é feita somente a partir do século XIX. Correlação direta, então, entre o amor entre dois homens e a formação de suas identidades. Começou-se a catalogar, normatizar, analisar a sexualidade como o centro da identidade humana. Algo extremamente recente

⁴⁸ Ibidem, p. 274.

⁴⁹ Ibidem, p. 268.

na História, mas que impacta fortemente em nossa realidade na atualidade. E que impacta tanto que passa-se a acreditar que a homossexualidade sempre esteve presente, e que a nossa relação com a sexualidade sempre foi a mesma: nosso sexo faz nossa identidade, e é a partir dele que centra-se nossa vida.

Nesse mesmo sentido, como apresenta Jonathan Ned Katz, pode-se entender que a heterossexualidade também é antiga, eterna, sem história. Porém, assim como a homossexualidade, ela é construída a partir de arranjos históricos particulares⁵⁰.

Foucault, porém, visa apresentar alternativas a ideia de que a sexualidade deve ser o centro de nossa identidade. Ao tratar - na História da sexualidade II e III - sobre a maneira diferente de entender a sexualidade na antiguidade, o pensador francês ressalta que não precisamos prender-nos a identidades fixas e estanques, pois elas nos limitam, e devemos investir na nossa liberdade. Assim, apresenta a possibilidade da amizade, de novos modos de vida, de uma preocupação positiva que visa criar novas possibilidades. Ao entendermos que as categorias sexuais como construídas social, cultural e historicamente, entendemos também a possibilidade de transformação, de mudanças.

⁵⁰ KATZ, J. N. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.